

O vestuário como elemento de caracterização de personagens nos contos iniciais de Machado de Assis

Josilene Lucas da Silva

Resumo

A ascensão da moda e o aumento da popularidade do romance enquanto forma literária são fenômenos contemporâneos. Procurando descrever em suas obras o modo de vida da sociedade da época, os romancistas usavam os tipos da realidade para compor as obras de ficção e assim surgiu nos romances a representação do dândi; do arrivista social que por meio da roupa tenta forjar uma posição na alta sociedade; a mulher rica que busca um pretendente e gasta grandes quantias com costureiros. A roupa, portanto, torna-se ferramenta imprescindível na construção de personagens. Como se sabe, nas obras de Machado de Assis a análise psicológica prevalece sobre a caracterização de cenários e ambientes. O autor rejeitava o acúmulo de elementos descritivos pouco ou nada úteis para a economia da narrativa. A caracterização do modo de vestir de algumas de suas personagens sugere uma relação entre roupas e traços de sua psicologia. Em *Quincas Borba*, Sofia, vaidosa, ambiciosa e sedutora, usa vestidos caros e decotados, pois lhe apraz os olhares públicos. Em *Iaiá Garcia*, Estela, exemplo de simplicidade e orgulho, veste-se preferencialmente de preto e rejeita de si toda a sorte de ornatos. Partindo dessas considerações, o presente trabalho pretende analisar as menções a elementos do vestuário nos primeiros contos de Machado de Assis, publicados na coletânea *Contos Fluminenses* (1870) – especialmente “A mulher de preto” e “Miss Dollar”. A fim de investigar a relação entre essas alusões e a composição das personagens, será feita uma pesquisa das possíveis fontes teóricas de Machado de Assis e uma revisão da fortuna crítica do autor. Serão considerados também críticos que escreveram sobre o aproveitamento da moda na literatura, como Gilda de Mello e Souza.

Palavras-chave

Machado de Assis; contos; moda; personagem

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, sob orientação da Prof^a Dr^a Cilaine Alves Cunha. E-mail: josilene.silva@usp.br.

A revolução de 1789 modificou toda a estrutura social da França ao abolir a sociedade de ordens. Marcou o fortalecimento político da burguesia e de seu ideal de igualdade e democracia. Marcou também o fim dos privilégios da nobreza e a diminuição de sua importância política, embora ainda continuasse gozando de prestígio social.

O enriquecimento da burguesia possibilitou que esse grupo buscasse alcançar o prestígio social da aristocracia por meio da imitação de seus elementos distintivos, entre eles o vestuário, pois, com a revolução, foram abolidas as leis suntuárias que proibiam um burguês de usar certos tecidos e acessórios que eram permitidos apenas aos nobres e, assim, garantiam a afirmação de hierarquias sociais pela roupa.

O aumento da popularidade do romance enquanto forma literária coincide com essa busca de prestígio social da burguesia por meio da imitação do vestuário da nobreza. E o fenômeno ascendente da moda foi incorporado pela literatura com escritores franceses que procuravam descrever em suas obras o modo de vida da sociedade da época. Nesse período os autores passam a usar os tipos da realidade para compor as obras de ficção e começa a surgir nos romances a representação do dândi; do arrivista social que por meio da roupa tenta forjar uma posição na alta sociedade; a mulher rica que busca um pretendente e gasta grandes quantias com costureiros. A roupa, portanto, torna-se ferramenta imprescindível na construção de personagens.

O Brasil do século XIX tinha como referência cultural a França. Havia revistas que publicavam moldes de roupas que seguiam as últimas tendências da moda em Paris. Modelos franceses de trajes e combinações para diferentes ocasiões (passeios e festas) representavam o ideal de elegância que se buscava no Brasil naquele período. Nesses mesmos periódicos publicavam-se contos e romances de folhetim. Machado de Assis iniciou sua carreira escrevendo para a imprensa brasileira e muitas de suas obras foram publicadas primeiro em revistas de moda como *A Estação* (1879-1904) e só posteriormente foram lançadas em volume.

Os principais romancistas brasileiros do período não ficaram alheios a esse tema e exploram, cada um a seu modo, o vestuário como um elemento para a composição de

suas personagens. Gilda de Mello e Souza (2005) analisou as diferentes formas de abordagem do tema feitas por Joaquim Manoel de Macedo, José de Alencar e Machado de Assis. Segundo a autora, Macedo se limita a transcrever o real com fidelidade, calcula meticulosamente o montante dos gastos com o vestuário, enumera os acessórios indispensáveis e fornece informações sobre a voga reinante. A abordagem de José de Alencar, ainda segundo Souza, embora também seja minuciosa, distingue-se da de Macedo pelo acento pessoal e a cálida sensualidade que comunica. Para a autora, a abordagem de Machado de Assis sugere um vínculo entre sujeito e a vestimenta.

Como se sabe, nas obras de Machado de Assis a análise psicológica das personagens prevalece sobre a caracterização de cenários e ambientes. O autor rejeita o acúmulo de elementos descritivos pouco ou nada úteis para a economia da narrativa. Segundo Eugenio Gomes (1958), Machado cultivava um estilo no qual a intenção era encurtar, reduzir ao mínimo o descritivo. Esse estilo consistia em tentar retirar das minúcias particulares e expressivas o máximo proveito na busca da essência da vida e do mundo moral, por isso o que se vê em suas produções é a sobriedade. Para Sônia Brayner (1982), isso ocorre porque os contos machadianos estão menos voltados para o incidente de uma intriga e mais centralizados em torno do comportamento e sentimentos dos personagens.

Análises preliminares mostram que a caracterização do modo de vestir de algumas de suas personagens sugere uma relação entre roupas e traços de sua psicologia. Em *Quincas Borba*, Sofia, vaidosa, ambiciosa e sedutora, usa vestidos caros e decotados, pois lhe apraz os olhares públicos. Em *Iaiá Garcia*, Estela, exemplo de simplicidade e orgulho, veste-se preferencialmente de preto, “[...] cor que preferia a todas as outras, [...] e rejeitava de si toda a sorte de ornatos”. Estela acredita que não convinha afeiçoar-se ao luxo, pois o pai não dispunha de condições.

Considerando que os primeiros escritos de Machado de Assis costumam figurar em segundo plano no interesse da crítica, o presente trabalho pretende analisar as menções a elementos do vestuário nas primeiras narrativas do autor, publicadas na coletânea *Contos Fluminenses* (1870) – especialmente “A mulher de preto” e “Miss Dollar”

– a fim de investigar a relação entre essas alusões e a composição das personagens. Acreditamos que uma investigação mais aprofundada sobre a questão do vestuário nos primeiros contos do autor poderá ser de grande valia para compreender melhor sua posição diante de um tema que tornou-se tão importante em sua época e elucidar, inclusive, menções ao vestuário em outras obras do autor.

Será feita uma pesquisa das possíveis fontes teóricas do autor visando melhor compreender as menções a elementos do vestuário presentes no *corpus* e a fim de verificar se há de fato relação entre tais referências e o caráter da personagem. Serão considerados também críticos que escreveram sobre o aproveitamento do vestuário na literatura, como Gilda de Mello e Souza.

Esta pesquisa leva ainda em conta uma revisão da fortuna crítica de Machado de Assis procurando ver aqueles autores que possam contribuir para o desenvolvimento da mesma, como Eugenio Gomes, Alfredo Bosi, Sônia Brayner e Raymundo Faoro.

Em seus contos iniciais é possível notar uma crítica em relação à excessiva preocupação com a moda e o autor parece privilegiar o caráter das personagens que se vestem bem, porém com naturalidade e simplicidade, fazendo delas suas protagonistas e as personagens com maior relevância, com características consideradas.

A roupa, quando descrita, aparece de acordo com o caráter da personagem que a usa; quanto maior a importância que a personagem pareça destinar às coisas da moda, menor é sua importância para o desenvolvimento do conto. É o caso de Jorge, no conto *Miss Dollar*, que sequer foi nomeado antes da metade do conto, por “motivo de sua nulidade”; nulidade essa que, a princípio, parece ligada à uma existência voltada para a moda. Machado parece não destinar posições de grande importância para o dândi (ou para personagens que se importem em demasia com as questões da moda) nos dois contos analisados, o que torna possível dizer que as menções a elementos da moda podem ter caráter educativo.

Referências bibliográficas

ASSIS, Machado. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2008.

BALZAC, Honoré de. *Fisiologia do vestir* – São Paulo: Landy Editora, 2004.

BARTHES, Roland. *Sistema da Moda*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. *Imagem e Moda*. São Paulo Martins Fontes, 2009.

BOSI, Alfredo. Machado de Assis *O enigma do olhar*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BRAYNER, Sônia. “Metamorfoses Machadianas – o laboratório ficcional” In: BOSI, Alfredo et al. *Machado de Assis* (Coleção Escritores Brasileiros: Antologia e Estudos). São Paulo: Ática, 1982. p. 426-37.

FAORO, Raymundo. *A pirâmide e o trapézio*. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1976.

GOMES, Eugênio. O artista e a sociedade in: *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: São José, 1958.

_____. O microrealismo de Machado de Assis. In: *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: São José, 1958.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século XIX*. São Paulo:

Companhia das Letras, 1987.

_____. *A ideia e o Figurado* São Paulo. Duas Cidades/Editora 34, 2005.